

UMA ANÁLISE PRELIMINAR DO DUPLO ANIMAL EM *MOBY DICK*

Rita Isadora Pessoa Soares de Lima
Orientadora: Susana Kampff Lages
Doutoranda

RESUMO

A problemática do duplo já comparece enquanto questão colocada para as artes desde registros imemoriais, na medida em que traz consigo as dialéticas do real e do ilusório, da ideia e do simulacro e a própria [im]possibilidade da arte em representar o real, com suas distorções, imprecisões e a dimensão de perda que a própria representação porta em relação à coisa representada – duplicada no processo mesmo de representação. Na literatura, é possível traçar uma cartografia do duplo mapeando suas aparições ao longo dos séculos, através dos movimentos literários e por entre os gêneros, destacando-se nesta trajetória uma importante filiação à literatura fantástica, e os interessantes arremedos com os gêneros do estranho e do maravilhoso – e seus subgêneros híbridos. No entanto, algo do duplo parece escapar a uma esquematização completa e muito embora os diferentes escopos teóricos, sobretudo a psicanálise, pareçam bem-sucedidos ao cercar e cingir o fenômeno, datando-lhe, fornecendo-lhe fundamentos e causalidades, algo parece ainda obscuro, mergulhado em sombras. A obra de Herman Melville, *Moby Dick*, oferece a oportunidade de investigar o duplo em sua contrapartida animal, isto é, a forma velada deste duplo, contrastante com as aparições clássicas ligadas a reflexos, sombras, homônimos, gêmeos etc, que comparece enquanto perseguição implacável do personagem Ahab pela baleia branca que lhe arrancara a perna.

PALAVRAS-CHAVE: Duplo, Moby Dick, Psicanálise, Herman Melville.

Introdução

A ideia de um duplo animal já porta uma complexidade, pois não se trata de um conceito prévio, mas de um desdobramento convexo da ideia clássica de *doppelgänger*, um termo originário do folclore e da ficção alemã, no qual se supõe que cada indivíduo possui uma réplica, uma duplicata que o acompanharia, sendo ou não atribuída de intenções ou desígnios maléficos em relação ao sujeito a que se iguala em imagem.

Embora não faltem exemplos na literatura desta manifestação clássica do duplo, como em *O duplo*, de Dostoievski, no conto de Edgar Allan Poe, *William Wilson*, em *O retrato de Dorian Gray*, de Oscar Wilde e em *O médico e o monstro*, de Stevenson, para citar alguns exemplos, o objetivo deste trabalho segue em um sentido um pouco diferente. Operar uma ligeira torção nesta ideia clássica de duplo, onde a réplica é especular ou portadora de características agourentamente similares às do personagem, como é o caso, por exemplo, de homônimos, reflexos, sombras, é o objetivo principal de nossa investigação do duplo animal. Trata-se aqui de buscar a contrapartida animal do duplo, o seu duplo álter e não o especular.

A psicanálise entende que a questão do duplo possui estreita relação com os mecanismos que estruturam a instância do ego, isto é, o eu e também com a função do recalçamento e, desta forma, é possível no contexto da literatura inferir a existência de uma dinâmica do duplo envolvendo animais e é deste ponto que partimos.

Freud e Otto Rank foram importantes precursores na investigação das relações entre o duplo e o eu, o primeiro tendo trabalhado a problemática do sentimento do estranho e o duplo em seu texto de 1917, *O estranho*, relacionando-os com o retorno do recalçado inconsciente e à compulsão à repetição, esta última uma força que está para além do princípio de prazer. Freud também fez uso dos mecanismos de introjeção e projeção para esclarecer a dialética do dentro/fora e interior/exterior, que parecem estar em jogo no sentimento de estranheza familiar descrito pelo autor quando algumas condições se encontram presentes, seja na ficção literária, seja na vida real. Freud assinala que aquilo que é desagradável ou desprazeroso é projetado para o exterior, expulso, e uma incorporação do outro é realizada na medida em que os traços com os quais ocorre identificação são trazidos canibalescamente¹ para dentro do sujeito.

¹ No texto de 1923, *O eu e o isso*, Freud conceitua as três instâncias psíquicas que compoem o novo dualismo pulsional da Segunda Tópica, estabelecida em 1920, com a publicação de *Além do princípio de prazer*. A oposição consciente *versus* inconsciente é agora reelaborada em um jogo de forças entre as três

Freud difere os efeitos estéticos do estranho daquele estranho experimentado na vivência de realidade, no entanto, identifica uma mesma matriz para ambos: o retorno do material inconsciente, recalçado e o seu constante pulsar, a repetição. Suas contribuições no terreno do duplo são feitas basicamente em consonância com o trabalho *O duplo*, de Otto Rank, com ênfase nas seguintes ligações:

(...) reflexos em espelhos, com sombras, com os espíritos guardiões, com a crença na alma e com o medo da morte; mas lança também um raio de luz sobre a surpreendente evolução da idéia. Originalmente, o ‘duplo’ era uma segurança contra a destruição do ego, uma ‘enérgica negação do poder da morte’, como afirma Rank; e, provavelmente, a alma ‘imortal’ foi o primeiro ‘duplo’ do corpo. (FREUD, 1996, p. 12)

Todavia, se nos primeiros estádios do desenvolvimento psíquico o duplo aparentava uma função de proteção contra a morte, ele passa em seguida a representar o oposto: “(...) quando essa etapa está superada, o ‘duplo’ inverte seu aspecto. Depois de haver sido uma garantia da imortalidade, transforma-se em estranho anunciador da morte” (ibidem). Freud inclusive identifica esse duplo anunciador da morte com a função crítica de observação e censura do eu, cujo domínio dois anos mais tarde ele atribuirá à instância do supereu. Do ponto de vista da psicanálise, tal aproximação situa o fenômeno do duplo na própria constituição psíquica do sujeito, nascendo paralelamente às outras instâncias: o eu, que possui uma contrapartida ligada à consciência (mas também inclui uma contraparte mergulhada no inconsciente) e o isso, *locus* psíquico privilegiado do inconsciente – caldeirão de desejos, moções pulsionais e conteúdos recalçados.

O duplo Moby Dick – a cachalote como animal totêmico

As mais antigas e importantes proibições ligadas aos tabus são as duas leis básicas do totemismo: não matar o animal totêmico e evitar relações sexuais com membros do clã totêmico do sexo oposto. (FREUD, 1950, p. 24)

No romance *Moby Dick*, de Herman Melville, a saga do navio baleeiro Pequod rumo à sua morte anunciada é um objeto digno de investigação, pois o capitão do navio é arrastado, movido por sua obsessão pela cachalote branca que arrancara sua perna num encontro anterior. A relação intrincada estabelecida entre Ahab e Moby Dick, a baleia, apresenta-se segundo uma configuração que obedece praticamente aos princípios

instâncias: eu, formado por uma parte consciente e uma grande parcela inconsciente; o supereu, herdeiro do Complexo de Édipo, e representante da consciência moral e portador de funções críticas e auto-observação e o isso, caldeirão pulsional, *locus* inconsciente de armazenamento de libido e motor do desejo.

de um totemismo maléfico, mortífero. A investigação de um duplo animal na obra *Moby Dick* haverá de passar, portanto, pelas delicadas relações entre o terreno do humano e do inumano, entre as intermediações entre o psiquismo e o totemismo.

O totemismo, pelo contrário, é algo estranho aos nossos sentimentos contemporâneos — uma instituição social-religiosa que foi há muito tempo relegada como realidade e substituída por formas mais novas. Deixou atrás de si apenas levíssimos vestígios nas religiões, maneiras e costumes dos povos civilizados da atualidade e foi submetido a modificações de grande alcance mesmo entre as raças, sobre as quais ainda exerce influência. (FREUD, 1950, p. 5)

Embora em seu trabalho de 1912-1913, *Totem e Tabu*, Freud tivesse por objeto de estudo as tribos e clãs aborígenes, seu olhar transdisciplinar, que conjugou os campos de estudo da antropologia, da psicologia social e da psicanálise, ajudou a discernir as heranças ancestrais impressas nas subjetividades contemporâneas e, decerto, há de servir de auxílio também ao exame de nosso objeto de estudo deste capítulo: o duplo animal em *Moby Dick*.

Por outro lado, a pretensão de ser o totemismo considerado como uma primeira tentativa de religião baseia-se no primeiro desses dois tabus: o referente a tirar a vida do animal totêmico. O animal impressionou os filhos como um substituto natural e óbvio do pai; mas o tratamento que se impuseram dar a ele expressava mais do que a necessidade de exibir o remorso. Podiam tentar, na relação com esse pai substituto, apaziguar o causticante sentimento de culpa, provocar uma espécie de reconciliação com o pai. O sistema totêmico foi, por assim dizer, um pacto com o pai, no qual este prometia-lhes tudo o que uma imaginação infantil pode esperar de um pai — proteção, cuidado e indulgência — enquanto que, por seu lado, comprometiam-se a respeitar-lhe a vida, isto é, não repetir o ato que causara a destruição do pai real. O totemismo, além disso, continha uma tentativa de autojustificação: ‘Se nosso pai nos houvesse tratado da maneira que o totem nos trata, nunca nos teríamos sentido tentados a matá-lo.’ Desta maneira, o totemismo ajudou a amenizar a situação e tornou possível esquecer o acontecimento a que devia sua origem. (FREUD, 1950, p. 93)

O atrelamento entre o totemismo e o tabu (assassinato do pai primevo), toma a forma de um dispositivo metafórico, uma forma de deslocamento de um sacrifício em detrimento de outro. A morte do animal totêmico toma o lugar do assassinato do pai da horda primitiva. Até aí, os vestígios deste crime original se encontram em consonância com a estruturação do psiquismo do homem inserido na cultura judaico-cristã, modelo a partir do qual Freud formula sua metapsicologia. Contudo, há que se pensar que em *Moby Dick* parece haver uma fixação na moção de assassinato à baleia, denotando uma espécie de perversão: uma fixação doentia em uma forma específica de obtenção de prazer, ou ainda, um mais além do princípio de prazer; um gozo que se desprende daquilo que o origina em primeiro lugar. E é justamente neste desprendimento, neste gozo no qual predomina a pulsão de morte que situamos a jornada trágica do capitão

Ahab e seus marinheiros e arpoadores, dentre os quais se inclui o narrador do romance, o sobrevivente Ishmael.

O assassinato do pai, que sobrepuja e instaura uma nova ordem de dominância é uma estrutura já conhecida da mitologia greco-romana, com o duplício destronamento respectivo de Urano, o pai do céu, por Saturno/Cronos e deste por Júpiter/Zeus, que permanece então com a supremacia do Olimpo. O papel do animal totêmico neste contexto é, a princípio, velado, todavia, Freud esclarece que a relação entre totem e tabu é bastante íntima, sendo a sua tônica principal a substituição: a religião totêmica assume o papel de substituto do pai e constitui uma espécie de referência fálica e, sobretudo, de proteção, tal como vimos anteriormente na função representada pelo duplo, segundo Freud e Otto Rank. A ideia do duplo como inicialmente protetor e, em seguida, anunciador de morte é uma configuração preciosa para pensar a própria estrutura de *Moby Dick*.

A atmosfera lúgubre descrita em um dos capítulos iniciais do romance, “The carpet bag”, já aponta para uma certa iniciação, um prelúdio ao sentimento de estranho, o *ominoso* descrito por Freud em 1917, e reforça, ao mesmo tempo, o caráter trágico de morte anunciada no qual a jornada do navio baleeiro Pequod haveria de enveredar:

(...) and looking up, saw a swinging sign over the door with a white painting upon it, faintly representing a tall jet of misty spray, and these words underneath – ‘The Spouter Inn – Peter Coffin’.
Coffin? – Spouter? – Rather ominous in that particular connection, thought I. (MELVILLE, 2004, p. 41)

A palavra ‘coffin’ (caixão) é, não ao acaso, justaposta a ‘spouter’ (declamador, aquele que lança jatos de água) e assim, é feita a macabra associação entre a baleia que esguicha água em seu dorso e a morte ao mar. Além disso, Ishmael, o narrador, depara-se, logo ao adentrar a estalagem, com uma pintura que o confunde e estarrece para, enfim, revelar-se um quadro de uma baleia durante uma tempestade fatal. Acompanhamos a progressão de sua percepção, primeiro examinando as sombras e tons, o excesso de elementos na obra, testando interpretações para o quadro até finalmente constatar o leviatã como figura agourenta no cerne da impressionante composição:

It’s a Hyperborean winter scene. – It’s the breaking up of the ice-bound stream of Time. But at last all these fancies yielded to that one portentous something in the picture midst. *That* once found out, and all the rest were plain. But stop; does it not bear a faint resemblance to a gigantic fish? Even the great leviathan himself?
In fact, the artist’s design seemed this: a final theory of my own, partly based upon the aggregated opinions of many aged persons with whom I conversed

upon the subject. The picture represents a Cape-Horner in a great hurricane; the half-foundered ship weltering there with its three dismantled masts alone visible; and an exasperated whale, purposing to spring clean over the craft, is in the enormous act of impaling himself upon the three mast-heads. (MELVILLE, 2004, p. 44)

Toda essa atmosfera mítica em torno da baleia, a profusão imagética de símbolos associados à morte, ao desmembramento e ao empalamento, estabelecem algumas intrigantes relações com as considerações de Freud acerca do totemismo:

O clã espera receber proteção e cuidados da parte de seu totem. Se se tratar de um animal perigoso (como um animal de presa ou uma cobra venenosa), há a pressuposição de que não causará mal aos seus protegidos; e, se essa expectativa não se cumprir, o homem ferido é expulso do clã. Os juramentos, na opinião de Frazer, foram originalmente provações; assim, muitas verificações de descendência e legitimidade eram submetidas à decisão do totem. O totem presta auxílio na doença e transmite augúrios e advertências ao seu clã. O aparecimento do totem numa casa ou perto dela é frequentemente encarado como *um presságio de morte*; o totem veio buscar o seu parente. (FREUD, 1950, p. 69. Grifos nossos)

É preciso considerar as distorções que vêm a partir de um deslocamento de olhar das sociedades estudadas por Freud em *Totem e Tabu* para a tripulação do navio Pequod. O papel do simbolismo estipula para Moby Dick uma função que, ao mesmo tempo, trava com o totemismo e a religião totêmica, estudados por Freud, uma relação paradoxal de semelhança e disparidade. A baleia branca é, a um só tempo, o totem e o *antitotem* da tripulação do navio baleeiro; ela é o leviatã, o monstro assassino dos mares, e, ao mesmo tempo, o duplo animal de Ahab, o capitão monomaníaco. Não é sem efeito que, diante de seu desmembramento, Ahab substitui a perna decepada por um osso de baleia. É como se a partir desse evento brutal que é o seu desmembramento por Moby Dick (acontecimento diegético do qual parte a narrativa, porém não presente temporalmente no romance), Ahab incorporasse o próprio elemento da baleia assassina, tornando-se cada vez mais obcecado e, assim, menos humano.

O personagem é visto como intrinsecamente sombrio e na fronteira da insanidade por seus subordinados no navio e há sobre isso referências frequentes no próprio texto. No capítulo 19, *The prophet*, a figura de um estranho Elijah, parte mendigo, parte profeta, surge na narrativa, imbuído aparentemente do desejo de alertar os arpoadores Ishmael e Queequeg (prestes a embarcar no baleeiro Pequod) do grande perigo representado pelo capitão Ahab, chamado por ele, inclusive de *Old Thunder* (Velho Trovão):

(...) you must jump when he gives an order. Step and growl; growl and go – that's the word with Captain Ahab. But nothing about that thing that happened to him off Cape Horn, long ago, when he lay like dead for three days and nights; nothing about that deadly scrimmage with the Spaniard

afore the altar in Santa? – heard nothing about that, eh? Nothing about the silver calabash he spat into? And nothing about his losing his leg last voyage, according to the prophecy. Didn't ye hear a word about them matters and something more, eh? No, I don't think ye did; how could ye? Who know it? Not all Nantucket, I guess. But hows'ever, mayhap, ye've heard tell about the leg, and how he lost it; aye, you have heard about that, I dare say. Oh yes, *that* everyone knows a'most – I mean, they know he's only one leg; and that aparmacetti took the other off (MELVILLE, 2014, p. 148-149. Grifos do autor).

O diálogo travado com Elijah perturba profundamente Ishmael, que questiona em um dado momento ao final do capítulo se o velho estava perseguindo a ele e Queequeg. Seu suposto alívio, ao constatar que não se tratava disso, não parece convencer o leitor: a atmosfera agourenta já fora estabelecida – a figura sinistra do Capitão Ahab já havia sido pincelada com matizes fortes, sombrios.

Vimos então que o desejo de sobreviver à morte está na base do processo de duplicação. O duplo é idêntico ao original e também diferente, isto é, oposto, paradoxal. Os polos complementares dentro/fora, interior/exterior, eu/outro, atração/repulsa têm uma lógica de funcionamento privilegiada no que diz respeito ao fenômeno do duplo. Segundo o e-dicionário de termos literários:

O DUPLO enquanto extensão do sujeito (DUPLO endógeno) e seu perfeito desdobramento, partilha com este traços evidentes que exaltam esse seu estatuto de “sombra”. Estabelece-se entre ambos uma relação de harmonia e cumplicidade. O inverso também é possível, se o DUPLO gerado a partir de um sujeito permanece enquanto seu contraste, confirmando-se uma relação bilateral de adversidade e oposição. Em ambos os casos, parece notória a noção de que o D., tendo tido a sua gênese em um sujeito determinado, sendo uma cópia do mesmo, uma mimese, não pode desfrutar do mesmo estatuto ontológico subjacente ao “eu” a partir do qual se originou. (e-dicionário de termos literários)

De acordo com Lubomir Dolezel (apud FUSILLO, 1998, p. 26), a estrutura de oposição permite definir o campo temático do duplo em minissistemas. Em *Orlando*, de Virginia Woolf, temos um indivíduo vive em dois ou mais mundos ficcionais alternativos; em *Amphitryon*, dois indivíduos com identidades distintas são revelados sob a mesma forma no mundo ficcional, assumindo a mesma aparência e a mesma identidade; em *William Wilson*, de Edgar Allan Poe, duas modalidades alternativas do mesmo indivíduo coexistem no mundo ficcional, o que produz uma manipulação radical dos traços de possibilidade semântica (isto é, a participação em uma mesma realidade) e identidade pessoal, ao contrário do tema de *Amphitryon*, que se baseia numa confusão cognitiva que eventualmente desvanece, elevando o palco da realidade que prevalece, com a separação das duas identidades (FUSILLO, *ibidem*). Não obstante, no caso de *Moby Dick*, tais minissistemas não dão exatamente conta de seu processo de duplicação,

uma vez que este é complexificado pela introdução de um duplo não humano, uma baleia cachalote, um leviatã assassino, um duplo que se refrata ao mesmo tempo como totem e *antitotem* do navio Pequod, encarnado pelo Capitão Ahab, pois é anunciador de morte quando deveria ser um sinônimo de proteção; é caçado com fúria sanguinária quando deveria ser reverenciado por seu estatuto sagrado. A alma – ou, em termos modernos, a subjetividade, o psiquismo humano – é fundamentalmente dupla. E essa duplicidade se traduz em palavras (fora/dentro; humano/inumano e justamente na negação da réplica a duplicidade se reduplica). *Moby Dick* é, portanto, um duplo paradoxal: duplo animal que, de alguma forma representa a fúria de um passado totêmico esquecido e que, por isso mesmo, é repetido sob o signo da compulsão à repetição, sob os domínios da pulsão de morte.

A doença do falo: considerações sobre a dialética da falta em Ahab e o desmembramento em *Moby Dick*

O famoso cogito freudiano de 1923, difundido com a publicação do texto *O eu e o isso*, obra que modifica sua tópica prévia (Consciente vs. Inconsciente) para introduzir não apenas um novo dualismo pulsional (pulsões de vida vs. pulsões de morte) como também um novo conflito entre as instâncias do eu, supereu e isso é, acima de tudo, enigmático: aquilo que foi encoberto deve retornar (*Wo Es warsollIchwerden*). Ou ainda, *Onde o isso estava, o eu deve advir*. Nessa pequena sentença, Freud assinala a instância do isso (id) como matriz fundamental do eu (ego). É do isso, isto é, do caldeirão ebuliente de pulsões animais, primitivas e sumariamente inconscientes, que deriva o eu. É precisamente na ênfase desta gênese que situamos a investigação do duplo animal em *Moby Dick*, o que, decerto, há de levar em consideração “a passagem por estágios fracionados desse desejo esquecido, visando uma necessidade de nomeação, tão esperada na personagem de Ahab. O capitão se debate sobre o ser e não ser ele mesmo, problema da modernidade e suas aporias subjetivas” (KETZER; SOUSA, 2012, p. 284).

Os temas do desmembramento e incompletude em Ahab, e sua caça implacável por *Moby Dick* se dão dentro do raio da dialética da falta, tal como a psicanálise a entende. O desmembramento de Ahab pode ser compreendido sob a luz da castração e, por conseguinte, sua obsessão perpassa uma construção dentro da qual *Moby Dick*, a baleia, é significado enquanto uma espécie de *membro fantasma*. A jornada de Ahab

pode ser lida, assim, sob o signo fálico e sua obsessão pela baleia como algo no registro de um duplo animal, na medida em que a própria metamorfose de Ahab já se dá no próprio gesto inaugural de seu desmembramento: o personagem substitui a perna perdida por um osso de baleia. Freud tece interessantes comentários no que diz respeito à relação entre a identificação com o animal e o totemismo:

Em certas circunstâncias importantes, o integrante do clã procura ressaltar seu parentesco com o totem fazendo-se assemelhar a ele externamente, envergando a pele do animal, talhando a sua figura sobre o próprio corpo etc. Essa identificação com o totem é efetivada em ações e palavras nas ocasiões cerimoniais do nascimento, da iniciação e do enterro. Danças em que todos os integrantes do clã se disfarçam como o totem e imitam o seu comportamento servem a vários propósitos mágicos e religiosos. Por fim, há cerimônias em que o animal totêmico é morto de acordo com o cerimonial. (FREUD, 1950, p. 69-70)

Nesse sentido, é possível considerar a ambivalência em relação ao animal totêmico, uma vez que sua morte é colocada em questão dentro do registro do sacrificial. Freud estabelece uma relação importante entre a dinâmica da religião totêmica e o seu famoso caso clínico, O pequeno Hans, publicado em 1909:

O fato novo que aprendemos com a análise do ‘pequeno Hans’ — fato com uma importante relação com o totemismo — foi que, em tais circunstâncias, as crianças deslocam alguns de seus sentimentos do pai para um animal. (...) enfatizarei apenas dois aspectos dela que oferecem valiosos pontos de concordância com o totemismo: *a completa identificação do menino com seu animal totêmico e sua atitude emocional ambivalente para com este*. Essas observações, em minha opinião, justificam nossa substituição desse animal pelo pai na fórmula do totemismo (no caso de indivíduos do sexo masculino). (FREUD, 1950, p. 84-85. Grifos nossos)

Tal como em Hamlet, a obsessão e o desejo sanguinário de vingança orientam a ação. Na caçada letal por Moby Dick, a baleia branca é alegorizada no romance como uma espécie de morte anunciada, um signo inelutável do desastre:

Um objeto pode assumir também, com relação ao sujeito, esse valor essencial que constitui a fantasia fundamental. O próprio sujeito se reconhece ali como detido, ou, para lembrar-lhes uma noção mais familiar, fixado. Nessa função privilegiada nós o chamamos de a. É na medida em que o sujeito se identifica à fantasia fundamental que o desejo como tal assume consistência, e pode ser designado, que o desejo, também, de que se trata para nós por sua própria condição, na Höringkeit, isto é, para utilizar a nossa terminologia, que ele se coloca no sujeito como desejo do Outro, grande A. (LACAN, 1960-1961, p.172)

A ideia de um membro fantasma pode ser lida aqui à luz de Lacan, com o conceito de objeto a, esse cerne crucial a partir do qual a relação fantasmática pode se estabelecer. O membro fantasma assume em Moby Dick a forma de uma espécie de apêndice animal duplicado que está em jogo no seu posicionamento como objeto mortífero causa do desejo. O duplo animal aparece, portanto, enquanto fantasia, como fantasma velado no romance, alimentado, movido pela pulsão de morte.

Considerações finais

O papel do simbolismo estipula para *Moby Dick* uma função que, ao mesmo tempo, trava com o totemismo e a religião totêmica, estudados por Freud, uma relação paradoxal de semelhança e disparidade. A baleia branca é, a um só tempo, o totem e o *antitotem* da tripulação do navio baleeiro; ela é o leviatã, o monstro assassino dos mares, e, ao mesmo tempo, o duplo animal de Ahab, o capitão monomaniaco.

Não é sem efeito que, diante de seu desmembramento, o personagem substitui a perna decepada por um osso de baleia. É como se a partir desse evento brutal que é o seu desmembramento por *Moby Dick* (acontecimento diegético do qual parte a narrativa, porém não presente temporalmente no romance), Ahab incorporasse o próprio elemento da baleia assassina, tornando-se cada vez mais obcecado e, assim, menos humano.

REFERÊNCIAS

CEIA, C. *E-dicionário de termos literários*. Disponível em: <<http://www.edtl.com.pt/>>. Acesso em 25/05/2014.

FREUD, S. *Além do Princípio de Prazer*. (1920) Vol. XVIII. Edição Eletrônica.

_____. *O estranho*. Edição Standard das obras completas de Sigmund Freud. V. XVII. Rio de Janeiro: Imago. 1996. p. 233 a 270.

_____. *O eu e o isso* (1923). Vol. XIX [trad. do alemão e inglês por Jayme Salomão]. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Imago, 1987, primeira, reimpressão, 1988.

_____. *Sobre o Narcisismo: Uma Introdução* (1914). ESB, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

_____. *Totem e tabu e outros trabalhos* (1913-1914). ESB, Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1950.

FUSILLO, M. *L'altro e lostesso. Teoria e storia del doppio*. Firenze: La NuovaItalia, 1998.

KETZER, E. N; SOUSA, E. L. A. Lágrimas nas profundezas: alegorias utópicas em Moby Dick e nominalismo na obra de William de Ockham. *Ágora*. Rio de Janeiro, v. XV n. 2, p. 273-288, jul/dez 2012.

LACAN, J. *O seminário, livro 8: A transferência* (1960-1961). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____. *O Seminário, livro 10: A angústia* (1962-1963); texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [versão final Angélica Harrari e preparação do texto André Telles, trad. Vera Ribeiro]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

MELVILLE, H. *Moby Dick or The Whale*. London: Collector's Library, 2004.

RANK, O. *O duplo*. Rio de Janeiro: Cooperativa, 1939.

ROSSET, C. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Porto Alegre: LP&M, 1998.